PINTORES AFRICANOS EM PORTUGAL

Quatro pintores africanos vivem em Portugal. Por razões diferentes, ainda não regressaram às suas terras de origem. Por causa da guerra, porque se casaram, porque têm medo que tudo esteja diferente... Mas nas suas obras respiram-se os tons quentes e as cores fortes de África. Ou não fosse lá que estes quatro artistas nasceram. **Texto de Carla Baptista Fotografias de Adriana Freire**

Levy-Lima
"Não tenho o pincel do crioulo"

Abrão Levy-Lima nasceu na ilha de Santo Antão, Cabo Verde, em Março de 1948. Cresceu entre muitas brincadeiras de meninos – eram 11 irmãos – e lápis-de-cores oferecidos pelo pai, que fazia ilustrações bíblicas e outros santos desenhos para a igreja nazarena. Aos 17 anos saiu das ilhas, tentado por visões maravilhosas de outras terras, que o assaltavam sempre que se punha a olhar para o mar e a perguntar: o que há para lá deste oceano?

"Não tenho o pincel do crioulo, não tive essa educação". Levy-Lima pinta tudo, mas prefere os óleos

O mar é, aliás, o único elemento de ligação que reconhece entre a sua pintura, Cabo Verde e Portugal: "Não tenho o pincel do crioulo, não tive essa educação". Levy-Lima pinta tudo, mas prefere os óleos, material mais adequado à paciência que os seus quadros densos, cheios de pormenor e realidade, exigem.

A sua arte é verista, realista, clássica. Mas não recusa a fantasia. Acha que a Geometria e a Ciência são, por vezes, "zarolhas" e incapazes de alcançar a beleza e a graça do real. Trabalha pacientemente, com demoradas pinceladas, volumes, formas, enquadramentos e profundidades.

Interessa-se por paisagens, retrato e temas náuticos. Neste momento, está a completar uma série de quadros sobre a presença portuguesa nos combates do cerco de Nápoles. Os quadros estão cheios de detalhes, alguns só visíveis à lupa, como os minúsculos nós nas dezenas de cabos que sustentam as velas da nau "Príncipe das Beiras".

A mão e a vista de Levy-Lima seguem seguras e firmes na aventura de pintar. Orgulha-se de "não tremer", embora muitas vezes "sofra" no caminho para chegar à luz: "A estrada que atravesso em cada quadro tem zonas de cegueira e de escuridão, que causam sofrimento". Precisa de tempo para pintar e concede-o a si próprio: "Estou numa fase de contenção, já senti períodos de expansão em que pintava muito, mas agora sinto que a perfeição exige um sentido de privação".

A sua carreira está consolidada, contra as vozes daqueles que lhe chamaram "arcaico" por ter resistido sem pestanejar aos movimentos da arte "moderna". Sente que a arte "se banalizou", perdeu a "aura". Não concebe o artista sem o trabalhador dedicado, o artesão das técnicas e dos materiais, o homem que transpira envolvido no seu "labor".

Vende sem dificuldade a clientes espalhados pela Europa, alguns judeus coleccionadores que lhe encomendam naturezas-mortas, Venezas ou pinturas sobre o Egipto. O "sentido de liberdade" nunca o deixou assinar contratos ou trabalhar com galerias fixas. Vem citado no

Guia da Arte Africana Contemporânea, expos colectivamente em Lisboa, Estoril e Milão.

É vice-presidente da Federação do Desporto de Portugal. Ele próprio é um atleta. Pratica culturismo e até inventa máquinas de musculação. Tem um ginásio na sua casa de Linda-a-Velha, todo montado com equipamento feito por ele próprio. A oficina está tão arrumada como o atelier de pintura. Levy-Lima gosta da lógica, das "coisas que fazem sentido".

Os seus mestres de pintura são referências incontornáveis: Leonardo Da Vinci, William Turner e, acrescenta com um sorriso..."o meu irmão David". David é o irmão mais velho. Com ele iniciou-se na pintura, largando logo depois a filiação para encetar caminho próprio. Nem poderia ser de outro modo num homem que gosta de citar a frase: "Copiar o inovador não é inovar".

Animá
"A minha África não é a das cabanas"

Odete Viana assina Animá nos quadros, nome que retirou da história de uma rainha de terras distantes, algures entre a Guiné-Bissau e o Senegal. É aí que estão as suas raizes, na cidade natal de Bissau e também na Angola que percorreu na adolescência. Mas quando lhe perguntam se África é determinante na construção da sua identidade artística, responde enigmática: "Sim... e não muito". Educada sempre em escolas portuguesas e num meio familiar urbano, Animá reconhece que sabe pouco da cultura africana. "Mas vou descobrir, vou pesquisar", diz, determinada a encetar uma viagem ao passado que teme ser dolorosa: "Estou há 16 anos em Portugal e ainda não voltei à Guiné. Talvez para o ano o faça, mas tenho de preparar-me para encontrar tudo diferente da minha memória".

Na sua memória existem certamente muitas das cores fortes que usa nas telas, experimentais, fruto de uma grande curiosidade em tentar materiais, texturas, bases diferentes: "Acho que na arte tudo devia ser permitido". Acredita na liberdade total do artista e no potencial artístico do voluntarismo criador. É por isso que "não tem paciência" para usar óleos: "Sou uma imediatista, não podía esperar o tempo que os óleos levam a secar".

Na primeira exposição individual – na Galeria da Junta de Freguesia de Carnide – um amigo disse-lhe: "Gostei muito, mas acho que faltam umas cabanas". Essa África das cabanas, Animá não quer. Mas gostava de saber mais sobre as suas origens culturais e espirituais, herdadas dos avós Papel, uma das dezenas de etnias que caracterizam a Guiné-Bissau.

Fez o curso de Desenho e Pintura do ARCO entre os afazeres de mãe e as aulas de Educação Física, disciplina que lecciona. Inscreveu-se como aluna externa na ESBAL, mas foi uma "experiência frustrante". O academismo da escola não liga bem como seu carácter solto e despretensioso. Mas teve uma coisa boa: deu-lhe um cartão de estudante que lhe permitiu assistir a aulas em escolas similares em Londres e Paris: "Aí é tudo tão diferente, o regime é aberto, os trabalhos são estimulantes". Sonha em fazer uma escola de pintura em Portugal onde não se limite – antes se permita – ao "aprendiz" descobrir novas coisas.

Os quadros de Animá são, para ela própria, uma descoberta permanente. Está a tentar ser "mais sistemática" já que, por vezes, lhe acontece chegar a resultados surpreendentes sem ser capaz de reproduzir, tantas foram as tintas, as secagens, as esponjas passadas na tela para lavar o que está mal. Só termina quando sente "que tudo está em harmonia". Gosta de "misturar os misturáveis": acrílicos com pastéis, técnica mista.

Aos 39 anos, confessa que o "desejo" a empurra cada vez mais para a pintura a tempo inteiro. "Tenho uma grande necessidade de não ter nada para fazer e poder

Sonha em fazer uma escola de pintura em Portugal onde se permita ao "aprendiz" descobrir novas coisas

pintar". Tem muitos esboços, desenhos e ideias guardados no atelier de sua casa, em Benfica, e pensa numa exposição sobre o movimento, o corpo e a ginástica.

Roberto Chichorro

"Preciso dos cheiros e das cores africanas"

Chichorro chama-se também Roberto. Os dois nomes falam de origens diferentes, tal como no sangue deste homem de 54 anos se misturam duas culturas. Neto de avós portugueses e filho de pais mestiços, cresceu num bairro periférico de Maputo, "na fronteira entre a cidade de cimento e o campo". Nesse mundo entre limites, Chichorro menino aprendeu a jogar ao pião, à bola, ao arco, a namorar, a tocar viola e a dançar.

"Não sou mais do que a minha pintura é, e a minha pintura não é mais do que eu sou", diz Chichorro

A vivência "burilou-o" no ambiente lúdico da terra natal e, por isso, os temas recorrentes da sua pintura são os jogos de infância, as mulheres dançando, os homens tocando, a lua e as serenatas. A música faz parte dos "pilares de memória" e é um "elemento imprescindível no atelier, ao lado de casa, no Lumiar: "Não consigo ter um atelier longe de casa, isso criava uma relação de obrigação".

"Não sou mais do que a minha pintura é, e a minha pintura não é mais do que eu sou", diz Chichorro, resumindo assim o desenho de verdade e de simplicidade contido na sua arte. Os quadros são sínteses da experiência crioula e da abertura em relação ao mundo: "Um dia qualquer é sempre um dia importante, sou curioso e tudo me vai forjando". É um viajante de muitas terras, capaz de partir sem bagagem. Viveu até aos 42 anos em Moçambique, foi bolseiro em Madrid, habitou em Roma. Regressou a Moçambique e teve a oportunidade de beneficiar de uma bolsa em Lisboa. Veio para Portugal convencido que "ia ser outra aventura de dois ou três anos" mas, afinal, casou-se, e vive cá desde 1986. Expõe regularmente em Lisboa, Braga, Coimbra, Madrid, mas os seus quadros estão espalhados por todo o mundo.

A Moçambique, onde foi desenhador gráfico, decorador de pavilhões para feiras internacionais e cenógrafo, não voltou nos últimos cinco anos. Tem optado viajar por "outras Áfricas", umas vezes a convite de instituições para realizar exposições, outras por "pura paixão". Já esteve na Guiné-Bissau cinco vezes, e o ano passado "descobriu" Cabo Verde. "Apaixona-se" pelos sítios e tem de lá ir muitas vezes saciar o seu desejo. África é um fantasma permanente, tem necessidade "do cheiro da terra" e das "cores" africanas.

Observa com entusiasmo o desenvolvimento das artes plásticas em Moçambique: "Já há galerias que funcionam, Moçambique participou na Bienal da África do Sul e há uma elite local com poder de compra para adquirir pintura". Acha que Moçambique "não tem um problema de identidade, mas sim um problema de crescimento: "Crescer aleija".

Os meninos fazedores de brinquedos nos quadros de Chichorro também já sentiram a dor do crescimento. Talvez por isso seja triste o seu olhar, onde se sente "a nostalgia do dia que já passou".

A cor favorita é o azul, mas usa todas as cores. E experimenta "quase tudo". Fez cerâmica "sem ser ceramista, escultura sem ser escultor, gravura sem ser gravador". Decidiu em 1978 que ia ser "pintor profissional", embora o soubesse desde sempre. Acha que os acrílicos "substituem muito bem os óleos". Tem um período de reflexão interior prolongado antes de começar a pintar. Desenha "continuamente", "mexe em lápis e papéis" e espera que os trabalhos saiam, em partos por vezes angustiados e sobressaltantes, mas que Chichorro ilude com uma fleuma aparente.

Quando prepara uma exposição, deixa-se guiar pelo imaginário, que direcciona para um determinado tema. Só pára quando sente o equilíbrio, "a harmonia de cores e de formas". Mas nele a harmonia pode ser contraste. Gosta de jogos de materiais, de tudo o que ilude a planura e a aridez. Os quadros alimentam-se da vi-

vência das pessoas, mas Chichorro prefere viver "afastado do desespero" humano: "Não sei o que é a agressividade na pintura". A sua busca é pelo bem-estar e pelo "intenso prazer de viver".

Dília Fraguito

"Vivi muito a guerra nos meus quadros"

Dília Fraguito nasceu em N'Dalatando, Angola, filha de pais portugueses e neta de avós brasileiros. Portugal, Brasil e África estruturam a sua cultura, numa mistura exuberante. Vive actualmente em Setúbal, numa casa de tectos altos e muito espaço para pendurar dezenas de quadros. Nessa casa grande, funciona também uma escola de pintura que orienta, num regime "totalmente livre e aberto". Fora do período das aulas, os estudantes podem ir para lá trabalhar. As

paredes estão cheias de frases inspiradoras. Numa delas, cita-se Stravisnky: "A arte é o contrário do caos".

Da sua querida N'Dalantando natal, recorda com intensidade a chuva, "muita", o contacto com a Natureza e a liberdade de uma infância despreocupada, entre muitas brincadeiras, "completamente à solta". Maria-rapaz, a mais velha das três meninas, mantém hoje a mesma rebeldia que a fazia "fugir de casa para brincar, com apenas três anos de idade". Já não foge de casa, mas corre para longe do caos, da guerra, de tudo o que é brutal, da mentira. Nessa fuga, sabe para onde se dirige: para Angola, para a casa de infância: "Eu quero morrer lá, onde eu fiquei nova".

"Portugal é muito bonito", mas sente-se aqui "emprestada". Estudou no Porto – Biologia, Serviço Social e, por fim, Desenho, na Cooperativa Árvore – mas, ao fim de alguns anos, percebeu que estava a ganhar um tique: "Andava sempre a piscar os olhos, como se fosse míope". Não era, apenas procurava ver "para lá do cinzento quotidiano sobre o céu do Porto".

Enquanto Assistente Social trabalhou em projectos de Ensino através da Arte com crianças de meios sociais carenciados. Dessa experiência, em que a escola "não castrava, mas libertava", nasceu o "Atelier Dília Fraguito/Espaço Arte de Setúbal". Vão lá pessoas que querem ser pintores, como o André, de 12 anos, pessoas que ainda não sabem o que querem ser, e pessoas que já não acreditavam que ainda podem ser. O importante é "trabalhar", diz Dília. Essa ideia de "honestidade no trabalho" aprendeu com um mestre: Sá Nogueira, da Cooperativa Árvore, que dizia aos seus alunos: "É bom mesmo que não vendam nada na primeira exposição, para não pensarem que já sabem tudo".

Ainda hoje, com 40 anos, Dília "não sabe nada", mas todos os dias "aprende qualquer coisa". Aprende nos livros, mas sobretudo "nas pedras do caminho que vai traçando". Gosta de andar descalça, sentir "todos os espinhos". "Pintar é doloroso, não é fácil, mas não existo sem a pintura. Prefere os óleos, gosta do tempo que levam a secar: "Não tenho pressa de ir a lado nenhum, posso esperar".

Na arte, não tem pressa de chegar. Mas na vida, tem. Sonha em abrir uma escola de Arte em N'Dalantando: "Quero ir embora amanhã e o amanhã ainda não chegou. Estou á espera da paz e a paz ainda não chegou". Não trabalha com galerias, porque não quer compromissos: "Quero poder partir amanhã sem dever nada a ninguém!".

Acha que em Angola os políticos "aprenderem e experimentaram tudo o que é errado". Copiaram modelos, imitaram. Imitar é uma falsidade. Dília busca a verdade. Neste momento, trabalha para uma exposição sobre o tema dos Descobrimentos. Dessa epopeia, parece-lhe que se esqueceram de falar dos povos que "foram descobertos". Acha importante tratar esse tema, do ponto de vista plástico, com uma leitura diferente: "Nada é só uma coisa, tudo tem um lado negativo e outro positivo". Dília questiona-se: "Que encontro de culturas foi esse de que tanto se fala? Houve mesmo encontro, ou o que aconteceu foi uma imposição, um esmagamento das culturas locais existentes?".

Na sua pintura, de um "figurativismo abstracto", passa uma referência constante a um "Deus-Natureza", um Deus artista que une os contrários, que faz "coisas belas". À imagem da Natureza, Dília aspira a criar as suas obras "como qualquer ser vivo - não importa quando nascem nem quando morrem, o que interessa é que cresçam saudavelmente". Dília admite que a guerra em Angola afectou muita a sua produção: "Até 1992 vivi muito a guerra nos meus quadros". Agora aposta na paz e no regresso. Porque em Portugal, a sua "alma está sempre "inquieta": olha e não vê. Vê e não sente". E um pintor, resume, não pode ter uma "alma cega". ■

Já não foge de casa, mas corre para longe do caos, da guerra, de tudo o que é brutal, da mentira